

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 3 - PAISAGEM CULTURAL E ÁGUA -  
PAISAGENS RIBEIRINHAS, FLUVIAIS E COSTEIRAS / FRENTES D'ÁGUA  
URBANAS, PORTOS HISTÓRICOS, MANGUEZAIS E DELTAS CULTURAIS /  
BACIAS HIDROGRÁFICAS COMO UNIDADES DE GESTÃO CULTURAL /  
TERMALISMO E ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS / ÁGUA, CIDADE E  
PLANEJAMENTO / PATRIMÔNIOS HIDRÁULICOS E INFRAESTRUTURAS  
DA ÁGUA / SABERES TRADICIONAIS E COSMOLOGIAS DAS ÁGUAS /  
CULTURA ALIMENTAR E ÁGUA / MUDANÇAS CLIMÁTICAS / TURISMO E  
ROTAS CULTURAIS DA ÁGUA / PAISAGEM E CIDADES BALNEÁRIO.

**‘ÁGUA MOLE, PEDRA DURA’: A ÁGUA COMO ELEMENTO  
ESTRUTURANTE DA PAISAGEM CULTURAL DA SERRA DE OURO PRETO**

*Eduardo Evangelista Ferreira (duevangelista@ufop.edu.br)*

A Serra de Ouro Preto constitui uma paisagem cultural complexa, resultante da interação entre processos geotectônicos de longa duração, a dinâmica hidrológica e práticas sociais associadas à mineração aurífera desde o século XVIII. Neste trabalho, a água é tomada como elemento central de análise, não como agente causador dos riscos contemporâneos, mas como meio vital que estruturou a ocupação do território, viabilizou tecnicamente a extração do ouro e, no presente, revela passivos históricos ainda não enfrentados.

Desde o período setecentista do ciclo do ouro, a água desempenhou papel fundamental nas técnicas de mineração aurífera, sendo utilizada no desmonte hidráulico das encostas, na escavação subterrânea e nos processos de apuração final do ouro por decantação. Para isso, foram construídas barragens, extensas infraestruturas hidráulicas, como aquedutos, buracos de

sarilhos, canais, poços e galerias subterrâneas, que configuraram uma verdadeira cidade subterrânea escavada no maciço rochoso da serra. Essas estruturas, concebidas para operar com grandes vazões, deixaram marcas profundas na morfologia do relevo e na circulação hídrica superficial e subterrânea.

No contexto contemporâneo, a água continua a desempenhar papel central na Serra de Ouro Preto, agora em uma condição de dualidade. Por um lado, a serra abriga uma das mais importantes zonas de recarga aquífera do município, responsável pelo abastecimento de mais da metade da população urbana, reafirmando a água como elemento indispensável à vida e à sustentabilidade da cidade. Por outro, a circulação da água por vazios subterrâneos herdados da mineração colonial atua como reveladora e deflagradora de riscos geológicos, como escorregamentos de encosta, subsidência do solo e colapso de galerias durante os períodos chuvosos, especialmente em áreas densamente urbanizadas sobre antigas lavras.

Argumenta-se que tais riscos não são naturais nem atribuíveis à água em si, mas resultam da mineração predatória colonial, da ausência de fechamento e estabilização das estruturas subterrâneas, da ocupação urbana desordenada e da omissão histórica do poder público e dos órgãos de proteção do patrimônio. Embora a Serra de Ouro Preto esteja inserida no perímetro de tombamento do conjunto urbano reconhecido pela UNESCO em 1980, ela permaneceu marginal nas políticas de preservação, que privilegiaram o patrimônio edificado monumental em detrimento do território vivido e habitado.

O trabalho também discute ameaças contemporâneas ao aquífero da serra, associadas à mineração irregular em áreas como o Botafogo, evidenciando a permanência de lógicas extrativistas que colocam em risco o principal elemento de sustentação da vida na cidade. Conclui-se que a água, longe de ser culpada pelos processos de instabilidade, atua como elemento revelador de uma crise territorial histórica, apontando para a necessidade de revisão das políticas de patrimonialização, com a incorporação efetiva da Serra de Ouro Preto nas ações de preservação, gestão de riscos e proteção das populações que habitam essa paisagem cultural.

Palavras-chave: paisagem cultural; água; mineração aurífera; serra de ouro preto; risco geológico; patrimônio cultural.